



UNIVERSIDADE, ESCOLA CAMPONESA E CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

UNIVERSITY, PEASANT SCHOOL AND LIVING WITH SEMIARID

UNIVERSIDAD, ESCUELA CAMPESINA Y CONVIVENCIA CON EL SEMIÁRIDO

Alexandra Maria de Oliveira

Grupo de Pesquisa Residência Agrária - Universidade Federal do Ceará

E-mail: alexandra.oliveira@ufc.br

RESUMO

No movimento de luta pela reforma agrária, a escola camponesa se revela como um projeto que se recusa a aceitar a inevitabilidade do desaparecimento do campesinato e a desigualdade social no campo. Este artigo apresenta uma análise sobre a importância do ensino da Geografia na Escola Família Agrícola (EFA) Dom Fragoso, localizada no município de Independência, Ceará. A pesquisa foi desenvolvida por meio de visitas de campo e rodas de conversas com alunos e professores entre os anos de 2012 e 2015. Ao longo do processo, ficou constatado que a Geografia tem desenvolvido uma leitura crítica sobre a dinâmica da sociedade atual. Nessa leitura, adotar uma postura que valorize a diversidade das formas de relação com a terra, que reafirme a cultura camponesa e que tenha as comunidades como espaços de formação e interação social e política é uma atitude fundamental para fortalecer a luta pela terra e construir um ensino de Geografia contextualizado com o semiárido.

Palavras-chave: escola camponesa; ensino de Geografia; semiárido.

ABSTRACT

In the struggling movement for agrarian reform, the peasant school turns out to be a project that refuses to accept the inevitability of disappearance of peasantry and social inequality in the countryside. It was, therefore, a proposal that grew out of peasant resistance. This article presents a lecture on the importance of teaching Geography at the Family Farm School (EFA) Dom Fragoso, located in the municipality of Independência in the state of Ceará. The research was conducted through field visits and rounds of conversations with students and teachers between the years 2012 and 2015. Throughout the process, it was found that geography has developed a critical reading on the dynamics of contemporary society. It was adopted a stance that values the diversity of forms of relationship with land, which reaffirms the peasant culture and considers the communities as space for training, formation, social and political interaction which is considered a fundamental attitude to strengthen the struggle for land and to build Geography teaching in context with the semiarid.

Keywords: peasant school; geography teaching; semiarid in Ceará.

RESUMEN

En el movimiento de lucha por la reforma agraria, la escuela campesina se revela como un proyecto que se niega a aceptar la inevitabilidad de la desaparición del campesinato y la desigualdad social en el campo. En este trabajo se presenta un análisis de la importancia de la enseñanza de la geografía en la Escuela Familia Agrícola (EFA) Don Fragoso, que se encuentra en la ciudad de Independencia, Ceará. La investigación se llevó a cabo a través de salidas de campo y conversaciones informales con los estudiantes y profesores entre los años 2012 y 2015. A lo largo del proceso, se ha evidenciado que la geografía ha desarrollado una lectura crítica de la dinámica de la sociedad actual. En esta lectura, adoptar una postura que valora la diversidad de la relación con la tierra, que reafirma la cultura campesina y que considere las comunidades como espacios de educación e interacción social y política es una actitud fundamental para fortalecer la lucha por la tierra y construir una enseñanza de la geografía contextualizado con la región semiárida.

Palabras clave: escuela campesina; enseñanza de la geografía; región semiárida.

1 INTRODUÇÃO

No movimento de luta pela reforma agrária, a escola camponesa se revela como um projeto que se recusa a aceitar a inevitabilidade do desaparecimento do campesinato e a desigualdade social no campo. Este artigo apresenta uma análise sobre a importância do ensino da Geografia na Escola Família Agrícola (EFA) Dom Fragoso, localizada no município de Independência, Ceará. A pesquisa foi desenvolvida por meio de visitas de campo e rodas de conversas com alunos e professores entre os anos de 2012 e 2015. Ao longo do processo, ficou constatado que a Geografia tem desenvolvido uma leitura crítica sobre a dinâmica da sociedade atual. Nessa leitura, adotar uma postura que valorize a diversidade das formas de relação com a terra, que reafirme a cultura camponesa e que tenha as comunidades como espaços de formação e interação social e política é uma atitude fundamental para fortalecer a luta pela terra e construir um ensino de Geografia contextualizado com o semiárido.

A análise da educação presente no campo brasileiro passa, nos dias atuais, por pelo menos a leitura de dois projetos inconciliáveis: um projeto oficial, majoritário, feito em nome das relações hegemônicas, que acaba sendo pactuado entre as elites, e o outro popular, defendido pelos movimentos sociais e pelas representações camponesas, que atende as necessidades básicas do povo do campo. Assim, a manutenção de diferentes formas de produção e trabalho na terra camponesa, a valorização da cultura camponesa, a luta por direitos e por uma educação do campo são componentes da luta pela reforma agrária dinamizada no seio dos movimentos e das representações camponesas.

2 DESENVOLVIMENTO

A Geografia brasileira tem em sua sistematização um vasto campo teórico pautado na discussão sobre a história, a origem e os processos que compõem a formação territorial brasileira. O paradigma da questão agrária trouxe influências teóricas e práticas para se estudar o movimento desigual, contraditório e combinado do território brasileiro e suas transformações recentes. Nessa construção, o território tem sido um conceito-chave central na discussão. Na Geografia Agrária, o estudo do território como categoria primordial de investigação tem sido fundamentado em livros, teses e dissertações, com autores como Raffestin (1993), Oliveira (1998) e Fernandes (2006).

Para Oliveira (1998), o território deve ser entendido como síntese contraditória da espacialidade que a sociedade tem e desenvolve. Portanto, os territórios são espaços geográficos e

políticos, onde os sujeitos sociais discutem, planejam e constroem seus projetos de vida e de luta social. Nesse processo, eles se organizam por meio de relações de classe para desenvolver seus territórios.

Nesse contexto, Fernandes (2006) acrescentou o fato de que a educação proposta pelos movimentos camponeses não existe fora do território, assim como a cultura, a economia e outras dimensões mais. Dessa maneira, o autor trouxe para a Geografia Agrária a importância de se compreender a dimensão educativa contida nos processos de espacialização e territorialização da luta pela terra no Brasil.

A discussão original dos conceitos de educação do campo, de pedagogia do movimento, de escola do campo, nasceu por exigência dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os acampamentos e assentamentos de reforma agrária brasileiros. Assim, a posse da terra passa a ser condição para se viabilizar um conjunto de outras lutas: luta por estrutura viária básica, por escola de qualidade e por educação contextualizada. Esse é um fato extremamente relevante na compreensão dos processos políticos e sociais que envolvem a escola do campo.

De acordo com Fernandes (2006), foi da demanda específica por educação nos acampamentos e nos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que nasceram o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) e a Coordenação Geral de Educação do Campo. Nesse sentido, a educação do campo deve ser compreendida como um processo em construção, o qual contempla, em sua lógica, a política que pensa a educação como parte constitutiva e essencial para o desenvolvimento do campo com base em um projeto popular.

No Ceará, a conquista de frações do território capitalista que estão sendo apropriadas pelos camponeses na luta pela terra tem contribuído para o fortalecimento do setor de educação nos assentamentos rurais. Após mais de uma década no Ceará, o Pronera foi permitindo a conquista de espaços e modalidades de ensino que se ampliam, fortalecendo a relação entre campo e cidade e entre universidade e escola básica do campo. As lutas do povo acampado e assentado dentro e fora dos acampamentos e dos assentamentos tornaram-se um recurso poderoso na espacialização das lutas camponesas, as quais estão desenvolvendo no território conquistado o sentido de triunfo proposto por Raffestin (1993), ao defender esse sentido como um poderoso conceito geográfico.

A Escola Família Agrícola (EFA) D. Fragoso é parte constitutiva da luta camponesa por dignidade, reforma agrária e educação do/no campo. O alunato dessa pesquisa é formado por jovens (rapazes e moças) residentes nas áreas de assentamentos e nas comunidades rurais, na faixa etária de menos de 22 anos, conscientes da importância da permanência na escola. Muitos deles sonham em ter acesso à universidade ou concluir um curso técnico profissionalizante ou, ainda, ser



professor, para melhorar a sua vida e as condições de seu assentamento de origem. Para esses jovens, o sonho de conseguir nos assentamentos e nas comunidades melhores condições de vida é fortalecido com o acesso à educação e à organização social. Essa é uma realidade muitas vezes negada pelos currículos escolares.

Para Oliveira e Silva (2009), as escolas rurais, no geral, desconsideram a diversidade de fatos e ações da realidade local, realizando, assim, um ensino estagnado, descontextualizado, porém comprometido com a construção da aceitação passiva de novas formas de socialização do capitalismo ou com relações propostas pela política educacional oficial. Paralelo a isso, a escola do campo é produto de seus sujeitos – trabalhadores e trabalhadoras do campo – e de suas especificidades construídas nas trajetórias de suas organizações.

A Escola Família Agrícola (EFA) D. Frágoso, no Ceará, iniciou suas atividades no ano de 2002, na comunidade de Santa Cruz, município de Independência, território do Sertão de Crateús/Inhamuns. O município tem uma população composta de 25.573 habitantes (IPECE, 2012), dos quais 55,14% residem na área rural. A principal atividade econômica e a oferta de emprego estão concentradas no comércio; em seguida destaca-se o setor de administração pública. A falta de opções de emprego e renda faz com que parte da população, a maioria constituída de jovens, encontre no êxodo rural um caminho para a sobrevivência.

Todavia, a história de criação de uma escola contextualizada com o semiárido cearense possui suas origens nos anos 1960, no século passado, com um trabalho desenvolvido pelo Movimento de Educação de Base (MEB), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), voltado para a mobilização dos camponeses na luta pela terra e pelo processo de organização sindical e comunitário.

A EFA Dom Frágoso teve seu embrião cultivado pelo bispo, Dom Antônio Frágoso, um paraibano que atuou por décadas na Diocese de Crateús, e pela Irmã Paulete, que veio para o Nordeste auxiliar na organização e criação dos primeiros Sindicatos de Trabalhadores Rurais.

O contexto histórico-político dos anos de 1960 no Brasil remete a um período de efervescência de movimentos sociais no campo e à instalação da ditadura militar. Sindicatos de trabalhadores rurais, partido comunista e movimento das ligas camponesas foram duramente calados com o golpe militar de 1964, que assumiu o controle do País e instaurou a perseguição às lideranças e a desarticulação das organizações sociais. Foi nesse contexto que religiosos comprometidos com a teologia da libertação idealizaram a escola contextualizada, na qual a formação humana, política e religiosa passaria pela evangelização e conscientização do povo agricultor. Com o golpe militar de 1964, o sonho da EFA foi velado, assim como foram caladas as

lideranças. Mas a semente já havia sido plantada, e, com ela, a escola camponesa brotou, décadas depois. Assim, a formação da EFA deve ser entendida no contexto histórico e político do desenvolvimento contraditório da sociedade no território brasileiro.

De acordo com Mattos (2010), com o tempo e com a organização dos camponeses em assentamentos rurais, os debates e as lutas camponesas no Ceará passaram a ocorrer no Fórum dos Assentados: “O Fórum dos Assentados foi um momento de organização que passou a reunir e agregar todos os assentamentos da região” (p. 179). O fórum se caracterizou como um espaço de formação política e de fortalecimento da luta pela reforma agrária. Para os camponeses, a conquista da terra nos assentamentos trouxe a necessidade da luta pela educação contextualizada, sobretudo para os jovens do campo, que continuavam migrando para as cidades. No diálogo entre agentes da CPT e assentados, veio a proposta para se fazer uma visita às Escolas Famílias Agrícolas nos estados da Bahia e do Piauí. Após a visita, o grupo seguiu com negociações sobre a implantação de uma EFA no município de Independência e de um trabalho de base com as comunidades. A Escola Família Agrícola D. Fragoso, portanto, tem sua origem numa estratégia de organização da Igreja Católica com os agricultores, mas também como alternativa à falta de políticas públicas voltadas para a educação do povo do campo.

A EFA iniciou como escola de gestão comunitária, formada por pessoas que se uniram na Associação Escola Família Agrícola de Independência (AEFAI) para promover a formação da juventude camponesa, tendo por base a pedagogia da alternância. A Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso permite que o estudante construa uma análise da sua realidade através das atividades trabalhadas dentro e fora da sala de aula, por meio de rodas de conversas, de grupos de estudos, nas salas de aula, onde são socializadas as atividades desenvolvidas nas comunidades entre estudantes e monitores. Nesses espaços de diálogo e socialização, conhecimentos científicos e conhecimentos empíricos são vinculados à realidade dos estudantes. De volta à escola, os estudantes socializam, em sala de aula, as experiências desenvolvidas nas comunidades. O trabalho pedagógico baseia-se na metodologia popular, “[...] parte sempre da prática e é sempre participativa: nem para, nem sobre, mas com as diferentes partes envolvidas, visando melhorar sua prática e sua vida” (Peloso *et al.*, 2002:15). O momento de socialização das experiências é coordenado pelo monitor que, com base no que foi discutido, leva as observações para o corpo docente da escola, que planeja as aulas de acordo com as vivências dos estudantes nas comunidades e/ou nos assentamentos rurais.

A metodologia procura equilibrar o trabalho individual e o coletivo, o estudo e o debate, o tempo-escola e o tempo-comunidade, levando em conta as dimensões da pessoa (razão, sentimento, cultura, história de vida, gênero, entre outras), consideradas transversais, mas indispensáveis.

Para entender a escola, foram realizadas, em um primeiro momento, entre os anos de 2010 e 2012, visitas de reconhecimento, rodas de conversas e entrevistas informais com os monitores e estudantes para um melhor entendimento do cotidiano da EFA Dom Fragoso. Foram conhecidas parte da estrutura física da escola, parte das unidades produtivas e parte dos instrumentos metodológicos vivenciados no espaço escolar. A organização curricular da EFA Dom Fragoso está focada em temas geradores, presentes na pedagogia Freiriana, os quais indicam planos de estudo em que estão inseridos os conteúdos programáticos.

Em uma das aulas de Geografia, que teve como tema gerador “Conviver com o Semiárido”, a monitora Idelzuite Borges referenciou sua fala no plano de estudo “As Sementes da Minha Comunidade”, com a turma do 2º ano do Ensino Médio, que possuía 30 estudantes de 25 diferentes comunidades do Ceará. Nessa aula, de acordo com Araújo (2011), os estudantes socializaram atividades desenvolvidas em suas comunidades a partir das questões: Quais as sementes mais plantadas na minha comunidade, antigamente e hoje? O que não é mais cultivado? Por quê? Essas informações estavam contidas nos cadernos de síntese da realidade dos alunos. Posteriormente, os educandos comentaram sobre o que foi socializado nas comunidades com os outros alunos. Foi percebido que o domínio da linguagem oral e escrita se constitui uma das dimensões do processo de avaliação.

De acordo com Freire (2001), o aprendizado da leitura e da escrita, na construção do processo de expressividade, não terá significado real se se faz através da repetição mecânica de sílabas. Esse aprendizado só é válido quando, simultaneamente com o domínio da formação vocabular, o educando vai percebendo o sentido da linguagem. Quando ele vai percebendo a relação entre linguagem-pensamento e realidade. A transformação da realidade, ao exigir novas formas de compreensão, coloca também a necessidade de novas formas de expressão. Tal é o caso da constituição da EFA D. Fragoso. O que antes era área de latifúndio, espaço de exploração e submissão do trabalhador rural, hoje, enquanto escola, caracteriza-se como espaço de diálogo e de possibilidades para filhos de trabalhadores do campo. A escola transformou a estrutura do latifúndio, e isso resultou em novas formas de expressão e de pensamento.

A análise sobre a relação entre Geografia e escola camponesa é recente, do ponto de vista teórico e metodológico da ciência e da pesquisa com a disciplina escolar. Os processos de espacialização e territorialização dos movimentos sociais e a contribuição da Geografia Agrária na

leitura sobre as transformações territoriais ocorridas no campo brasileiro têm sido o fundamento de uma matriz teórica que tem por base a teoria social, e apresenta trabalhos pioneiros na análise sobre os movimentos sociais e sobre a educação no e do campo.

O ensino de Geografia vem somar nessa abordagem ao contribuir, como as demais disciplinas curriculares, para o desenvolvimento do aluno quanto à capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade, em constante transformação. Cabe à geografia a construção de uma leitura de realidade que envolva a relação sociedade e natureza. A Geografia deve levar o aluno a compreender “[...] o espaço produzido pela sociedade atual, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza” (Oliveira, 1994, p. 142). A Geografia, como ciência social e disciplina escolar, adquire dimensão fundamental no currículo: um ensino comprometido com a construção de uma postura crítica por parte dos alunos diante da realidade. E quiçá possa contribuir para a transformação dessa realidade.

De acordo com Cavalcanti (2002, p. 71), o ensino acontece mediante “processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor”, portanto, é carregado de características próprias de cada ambiente escolar. Juntamente com a formação, com os valores, conhecimentos, modos de pensar e com as linguagens do corpo docente da escola, o ensino permite que cada sala de aula seja diferente, não apenas pela infraestrutura da escola e pela mediação do educador, mas essencialmente pelos estudantes ali participantes. Ao longo das visitas à EFA D. Fragoso, foram feitas rodas de conversas e entrevistas com as turmas presentes na escola, respondidas questões propostas, como perguntas cujas respostas abriam a possibilidade de avançar na colocação de opiniões, de sugestões e inclusive de dúvidas.

Tanto nas rodas de conversa como nas entrevistas observou-se a importância da Geografia na escola. Perguntados sobre o que gostam de aprender em Geografia, uma estudante do 3º ano relatou: “Gostei de aprender a ver e ler mapas porque eu não conhecia nada sobre o assunto e depois que tive aulas de geografia na escola, passei a gostar”; um estudante do 2º ano confessou: “gosto de geografia porque ela nos faz conhecer o Brasil”; um estudante do 1º ano afirmou que a “geografia é importante, pois explica muito sobre a realidade do mundo”; uma estudante do 2º ano ressaltou a importância da geografia, afinal a disciplina enfoca o espaço em que ela está inserida: “em geografia, vemos agricultura patronal, revolução verde, estatuto da terra etc.”.

Nessas leituras, a Geografia é mundo social, mas também é economia e política. Não economia e política descontextualizadas, ao contrário, existe toda uma preocupação em se estudar

temas como estatuto da terra, revolução verde e agricultura patronal para se entender as raízes dos conflitos pela posse de terra, que perduram no campo até os dias atuais.

A Geografia também foi apresentada na leitura dos temas localização e problemática ambiental. Perguntados sobre como a Geografia ajuda a pensar o lugar em que se vive, uma estudante do 3º ano relatou: “todas as aulas são relacionadas com a realidade de cada jovem. Por exemplo, hoje sei que para localizar minha comunidade, preciso dos dados geográficos; onde aprendi isso? Na geografia”; um estudante do 1º ano afirmou que a Geografia “ajuda bastante; nas aulas debatemos sobre a questão hídrica da região, os usos indevidos dos solos, o clima, etc. Porque tudo isso faz parte da realidade”; uma aluna do 2º ano declarou que ajuda, sim, “porque se não temos uma paisagem bonita é porque as pessoas não respeitavam o meio ambiente. Hoje, devemos cuidar do meio ambiente”; outra estudante do 1º ano, disse: “Sim, ajuda a entender que devemos cuidar melhor de nosso meio ambiente e não fazer queimadas. Mas os agricultores não acreditam que dê certo de outra maneira. Hoje temos solos fracos porque já houve muitas queimadas”. A questão ambiental, as queimadas e a degradação dos solos apareceram como os principais problemas ambientais da região de influência da EFA D. Frágoso, seguidos da questão hídrica e da perda da biodiversidade.

Ao discutir a relação entre campesinato e formas de uso da terra no semiárido cearense, Oliveira e Pereira (2011) afirmaram que o quadro atual tem revelado uma situação de desgaste dos solos nunca vista nos sertões cearenses, como resultado, em parte, da rotação de terras na atividade agrícola presente na cultura sertaneja, embora outros fatores também devam ser considerados: povoamento do semiárido; expansão das olarias; retirada de lenha para fornos e de carvão; falta de orientação técnica. Isso quer dizer que, mesmo sem atividade agrícola, com a rotação de terras e a coivara esses outros fatores irão contribuir para a degradação do solo porque a retirada da vegetação, entre outros processos, expõe o solo à erosão.

Na EFA, a Geografia como disciplina escolar está contextualizada com o projeto interdisciplinar proposto pela escola, que tem por base a convivência com o semiárido. Esse trabalho interdisciplinar é desenvolvido de forma investigativa, com levantamentos preliminares da realidade; socialização das situações retratadas; identificação de situações problemas e possibilidade da emergência de um tema gerador. Nessa perspectiva, “[...] a Geografia, ao trabalhar com o tema gerador e com as questões geradoras, tem condições de contribuir para que os alunos superem o senso comum mediante uma metodologia dialógica e chegar a um conhecimento mais elaborado e científico” (Pontuschka *et al.*, 2007, p. 154).

Em um momento de socialização das pesquisas na aula de Geografia que tinha como tema a “Cultura Camponesa”, Araújo (2011, p. 49) revelou que no diálogo surgiram como elementos característicos a enxada, o chapéu de palha, a produção agrícola, a cisterna de água e, também, o lápis e o caderno, identificando a importância da educação camponesa, hoje.

Uma questão curiosa foi a referente ao significado do que é ser jovem do campo. Entre os relatos, podem-se destacar: “ser jovem do campo é se identificar com o campo e desenvolver práticas de acordo com a realidade camponesa e principalmente defender sua identidade” (estudante 1º ano); “é poder valorizar nossa origem e trabalhar na terra, sem destruí-la” (estudante 3º ano); “é poder assumir sua identidade e ter compromisso de buscar novas alternativas para com o meio onde vive, assim, melhorando minha realidade e minha comunidade” (estudante 3º Ano). Nas “cenas carregadas de geografia” (Cavalcanti, 1998, p. 122) descritas pelos estudantes, ser jovem do campo passa pelo sentimento da condição camponesa presente na reafirmação da cultura e pela relação entre a produção e a reprodução de inovações de tecnologias que lhes sejam apropriadas no trabalho com a terra. Dessa forma, a importância da Geografia no ambiente escolar também se dá pela necessidade que tem os estudantes de apreender o espaço como dimensão da prática social cotidiana.

A partir dos relatos expostos pelos estudantes, percebe-se que a construção do saber geográfico está sendo refletido através das experiências desenvolvidas nas comunidades e da vivência na EFA Dom Frágoso. No processo de ensino e aprendizagem na EFA, a professora de Geografia não é somente professora de uma disciplina, mas é também monitora de uma escola contextualizada com a pedagogia da alternância, onde ela optou por um projeto de formação em comunhão com os jovens camponeses e onde convive diariamente com colegas de outras disciplinas e alunos provenientes de contextos diversificados. Diante dessa complexa realidade, o monitor e os alunos desenvolvem a oportunidade de realizar trabalhos (domésticos, técnicos, pedagógicos) conjuntos em diferentes situações, sempre seguidos do diálogo, da organização e da sistematização das experiências.

Em visita à escola, encontraram-se experiências de trabalho conjunto desenvolvidas por monitores e jovens camponeses as quais se revelam como ações alternativas baseadas na agroecologia e consideradas fundamentais na convivência com o semiárido. Em todas as unidades produtivas, o trabalho da família (escola EFA) orienta a produção e o consumo de plantas e animais. A produção excedente, quando ocorre, é repassada para a feira agroecológica, dinamizada pelos jovens que divulgam e vendem seus produtos, mas que também forjam nesse espaço a troca de sementes e de experiências entre as comunidades. Embora haja a comercialização de criações



(caprinos), é o uso familiar que comanda o processo, uma vez que a venda é destinada à obtenção de outras mercadorias, também necessárias à reprodução das unidades de produção e consumo da EFA, como material de expediente, abastecimento do transporte ou materiais de estudo e mística. Assim, a produção comercial acontece tendo por base a lógica de uso camponesa, e não o interesse de lucro. As unidades de produção e consumo como espaços de formação possuem suas combinações, seus consórcios e suas experimentações, constituindo-se, portanto, em sistemas agroecológicos desenvolvidos pelos jovens camponeses como forma de encontrar caminhos de convivência com o semiárido e com a continuidade de um modo de vida e trabalho, caminhos esses organizados pela juventude camponesa em torno daquilo que, para Martins (1986), lhe é próprio – o trabalho familiar.

É nessa escola de trabalho agrícola familiar, com suas práticas cotidianas, que os jovens camponeses estão caracterizando seu projeto de vida e luta pela terra. Podem-se lembrar, ainda, os constantes trabalhos realizados nas comunidades em parceria com as famílias, os estágios de vivência, os projetos profissionais dos jovens, onde conteúdos como questão agrária, uso da terra, camadas dos solos, recursos hídricos e curvas de nível são amplamente debatidos em campo, em grupos de estudo, entre outros espaços de formação. Vale lembrar que o trabalho em conjunto, a dialogicidade e a expressividade revelada através da escrita ou da oralidade são dimensões que não podem ser deixadas de lado no processo de construção do conhecimento da EFA.

Para Pontuschka (2006), uma formação geográfica rica em conteúdo, métodos e técnicas de análise ajudam o educando a fazer a leitura do espaço. O estudante tem a possibilidade de vislumbrar caminhos para o conhecimento do mundo e de aprender a se inserir nele de forma crítica e participativa. Assim, acredita-se que a presença da Geografia no currículo corrobora a conscientização do estudante enquanto sujeito que consegue produzir uma leitura crítica da realidade, rompendo com a alienação e valorizando a cultura camponesa.

Na relação entre a EFA Dom Fragoso e a realidade social, a construção de um currículo possível de mudanças e flutuações se estabelece, muito embora princípios como formação humana, compromisso social, convivência com o semiárido e respeito à cultura camponesa sejam a base para a formulação curricular da escola. A opção por situar o saber popular no interior da proposta curricular, ao invés de utilizá-lo apenas como ponte para o saber erudito, favorece o amadurecimento de novas modalidades de organização curricular, o que aproxima o envolvimento do estudante com o planejamento de sua aprendizagem. Dessa forma, a educação contextualizada no/do campo rompe com a condição curricular da escola urbana, refletindo quase sempre os interesses de uma ideologia dominante.

3 CONCLUSÃO

A reflexão sobre o ensino de Geografia na EFA D. Fragoso tem levado alunos e professores a (re)pensarem a prática educativa e o papel da escola como lugar de construção de conhecimentos e aprendizagens significativas no contexto espacial no qual está inserida. Nesse caminho, a Geografia como disciplina escolar compõe o projeto interdisciplinar, que tem como tema transversal “A Convivência com o Semiárido”, cabendo, portanto, à disciplina uma leitura analítica da dinâmica da sociedade atual, dividida em classes sociais com conflitos e contradições. Nessa leitura, adotar uma postura que valorize a diversidade das formas de relação com a terra, que reafirme a cultura camponesa e que tenha as comunidades e os assentamentos rurais como espaços de formação e de interação social e política é fundamental para o fortalecimento da geografia como disciplina escolar. A pesquisa apresentada insere-se nas análises que discutem a educação geográfica contextualizada como parte constitutiva da luta pela terra presente na história do campesinato brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Bruna Xavier de. Saberes geográficos e práticas agroecológicas na educação do campo. **Monografia (Licenciatura em Geografia)** – Departamento de Geografia da UFC, Fortaleza, CE, 2011.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: Cavalcanti, Lana de Sousa. **Escola, geografia e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998. pp. 87-136.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutivista. In: **Geografia e Prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002. pp. 71-100.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, pp. 27-39.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a libertação**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- IPECE. **Instituto de Pesquisa do Estado do Ceará**, 2012. < www.ipece.ce.gov.br > acesso em 10 de maio de 2013.
- MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão** (o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). Petrópolis: vozes, 1986.



MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. Educação do campo e práticas educativas de convivência com o semiárido: a Escola Família Agrícola Dom Fragoso. **(Doutorado em Educação)** Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. 246p.

OLIVEIRA, Alexandra Maria de e SILVA, Edson Vicente da. Geografia e Escola do campo: saberes, práticas e resultados. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 08, número 16, Fortaleza, 2009. pp. 139-148.

OLIVEIRA, Alexandra M. de e PEREIRA, R. C. Melo. Campesinato e uso da terra no semiárido cearense. **Geografia** – Vol. 36, n. 2 – Rio Claro: AGETEO, 2011. pp. 237-250.

OLIVEIRA, A. M. A escola camponesa na alternância e o ensino de Geografia. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 12, nº 28, 2013, pp. 171-187.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **As transformações territoriais recentes no campo brasileiro.** São Paulo: [s.n.], 1998. pp. 1 - 28.

PELOSO, Ramulfo *et all.* **Saberes e olhares.** A formação e educação popular na comissão pastoral da terra. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A formação geográfica e pedagógica do professor. In: SILVA, J. B. LIMA, L. C. e DANTAS, E. W. C. (Orgs.). **Panorama de Geografia Brasileira 2.** São Paulo: Annablume, 2006. pp. 269-279.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib *et all* (Org.) **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Ed. Ática: São Paulo, 1993.

Recebido em setembro de 2016
Aprovado em novembro de 2016